

# TODO PODER AOS SOVIETES: Pra fazer um mundo novo<sup>1</sup> *ALL POWER TO THE SOVIETS: To make a new world*

**Camila Jourdan**

Doutora em Filosofia e professora na UERJ. Contato:  
camila.jourdan@gmail.com.

## **RESUMO:**

O artigo aborda de modo sumário a participação dos anarquistas no processo revolucionário russo, desde a revolução de 1905, centrando-se na formação dos conselhos autogeridos, passando pelas Jornadas de Julho, pela Revolução *makhnovista* e pelo episódio de Kronstadt. A presença dos princípios anarquistas e libertários é mostrada como fundamental para a revolução. Já a guinada à direita do Estado russo, bem como sua decadência, aparecem como internamente relacionadas ao abandono de tais princípios. Neste caminho, é ressaltada ainda a manutenção de uma casta intelectual científica, que terminaria por minar a revolução, na medida em que constituiria a manutenção da estrutura capitalista e do princípio hierárquico estatal no âmbito dos micropoderes.

Palavras-chave: Revolução Russa, conselhos, anarquismo, micropolítica.

## **ABSTRACT:**

*The article briefly discusses the participation of anarchists in the russian revolutionary process, since 1905, focusing on the formation of self-managed councils, passing through the July Days, the Makhnovite Revolution and the Kronstadt episode. The presence of anarchist and libertarian principles is shown to be fundamental for the revolution, and the right wing turn of the russian State, as well as its decadence, appear as internally related to the abandonment of such principles. In this path, its also highlighted the the maintenance of a scientific intellectual caste, which would end up undermining the revolution, as it would constitute the maintenance of the capitalist structure and the hierarchical principle of the State in the scope of micro-powers.*

*Keywords: Russian Revolution, Councils, Anarchism, micropolitics.*

JOURDAN, Camila (2017). TODO PODER AOS SOVIETES: pra fazer um mundo novo. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 19, set-dez, pp. 29-46.

Recebido em 2 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 30 de outubro de 2017.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente apresentado Seminário 100 anos da Revolução Russa. Debates sobre democracia, socialismo e anarquismo entre 25 e 28 de setembro de 2017, UFPA.

*Quem poderia gabar-se de estabelecer a verdade inconfundível? Não é, portanto, surpreendente que, sobre uma revolução, existam quase tantas versões como livros e que, basicamente, a verdadeira revolução permaneça desconhecida. Vesevolod Volin*

Até 1917, anarquistas e bolcheviques encontravam-se unidos, seja por aliança tática, seja por entusiasmo militante contra o czarismo, inicialmente, e depois contra o governo de Kerenski. Em todo o mundo, o processo revolucionário russo aparecia assim como anarquista-comunista. Na América Latina, inúmeras são as fontes que atestam que o bolchevismo chegou a ser visto como uma nova fase do bakunismo. Não deixa de ser digno de nota que, não por acaso, neste período, foi fundado no Brasil um partido comunista por anarquistas e de orientação libertária.

*Traze-me, sol esplêndido, as boas novas do estupendo fragor da revolução, que agita e convulsiona as massas: bendito sejas, sol amigo, sol camarada, ó sol anarquista” (ASTROJILDO PEREIRA, Jornal A Plebe, 01/03/1919).*

Sem dúvida alguma, os anarquistas tiveram uma participação ativa na Revolução de Outubro de 1917 e em todo o processo revolucionário envolvido nela, tomando parte, assim, em um dos acontecimentos históricos mais importantes do século XX. O que pode variar, portanto, é a interpretação acerca do que significou esta participação anarquista na revolução, sua importância para ela e o que podemos aprender com isso para pensar a Revolução Russa e sua relação com o tempo presente.

Os anarquistas neste momento, não apenas na Rússia, mas no resto do mundo, esforçavam-se, sobretudo, na construção do sindicalismo revolucionário, acreditando na associação de trabalhadores como célula produtiva tanto da transformação social, quanto da nova sociedade, garantindo a autogestão federativa, junto à ordenação econômica da produção. Nesse sentido, a própria ideia seminal de uma revolução soviética, uma revolução fundada nos conselhos populares, pode ser rastreada à influência anarquista.

Pergunto-me como ele [Marx] faz para não enxergar que o estabelecimento de uma ditadura universal, coletiva ou individual, ditadura que faria, de certa forma, o trabalho de um engenheiro-chefe da revolução mundial, regulando e dirigindo o movimento insurrecional das massas, em todos os países, como se dirige uma máquina, — que o estabelecimento de semelhante ditadura bastaria por si só para matar a revolução, paralisar e falsear todos movimentos populares (Bakunin, 1872 (2010): 11).

Como então tal Revolução, entretanto, se distanciou dos conselhos e se aproximou do partido ao serviço de um Estado centralizado?

A proposta da organização social com base em conselhos, que é de fato o significado da palavra *soviets*, apareceu expressamente no Congresso da Internacional de 1869. Tal proposta conferia aos sindicatos, enquanto organização social de base (e não um instrumento do Estado por meio do Partido, como veio a se tornar depois), o papel de célula da sociedade futura. Tais células seriam federadas em um conselho geral de indústrias, que cumpriria o papel de administração política das comunas, substituindo assim o Estado. Essas ideias foram desenvolvidas e defendidas por Bakunin e aprofundadas pelo desenvolvimento prático do sindicalismo revolucionário entre 1900 e 1907. O sistema de conselhos foi visto assim como a forma própria de organização da sociedade socialista, na medida em que o Estado é reconhecido como agente político defensor das classes possuidoras, e deve ser esmagado junto à sociedade de classes. Não aparece, portanto, ali o sonho de se conquistar o Estado por meio de um partido centralizado.

Mas esta proposta de autogestão a partir da base da sociedade então federalizada foi concretizada com a experiência dos soviets, presente no processo revolucionário russo, e sendo particularmente forte no chamado ‘ensaio geral revolucionário’, de 1905, que instaurou o poder popular.

Quando eclodiu a revolução de 1905, os anarquistas desempenharam um papel importante e estiveram entre os elementos mais ativos do movimento revolucionário em seu conjunto. Eles tinham

um grande número de jornais diários, e sua propaganda havia penetrado profundamente nas massas. Em Kronstadt, Odessa, Iekaterinburgo e inúmeras outras cidades importantes, eles tinham as massas operárias com eles. Entre as diferentes tendências, os anarco-comunistas e os anarco-sindicalistas gozavam de maior influência (Rocker, 2007: 49).

Neste momento histórico, os soviets foram produtos das greves que se iniciaram com reivindicações estritamente econômicas, mas rapidamente se desenvolveram para greves gerais com finalidades políticas. Os soviets foram fundamentais neste processo na medida em que surgem das bases organizadas urbanas ou rurais com estrutura organizatória fundada na prática da democracia direta, o que possibilitou uma prática concreta transformadora da própria estrutura da organização política da sociedade.

Valorizando a ação direta como forma de atuação, rejeitando o Parlamento e os partidos políticos como mediadores entre o proletariado e a sociedade global, privilegiando a auto-organização e a transformação social por via sindical, Pouget, Griffuelles, Monatte e Yvetot, sindicalistas revolucionários franceses, foram os primeiros teóricos do soviete. Porém, sua primeira aparição enquanto fenômeno político e histórico se dará na Revolução Russa de 1905 (Tragtenberg, 1988: 18).

Os soviets demonstraram a alta capacidade de organização dos trabalhadores russos urbanos e rurais, na medida em que surgiram espontaneamente nos movimentos grevistas, deixando claro como espontaneidade não exclui organização, como alguns costumam supor. Por exemplo, Vesenvolod Volin se declarou involuntariamente ligado ao nascimento do primeiro soviete de 1905, em São Petesburgo. Volin desenvolvia trabalhos educacionais com os operários locais e narra emocionado no artigo “A Revolução Desconhecida e o Nascimento dos Soviets”, os acontecimentos da greve que ocorreu neste período e que de modo espontâneo teria sido a responsável pelo surgimento do

primeiro soviete (famoso posteriormente pela liderança exercida no local por Trotsky), como uma necessidade prática de organizar a distribuição de fundos e doações entre os trabalhadores grevistas. Após a greve, o soviete se mantém como modo de dar continuidade a esta ação, criando assim uma organização permanente de trabalhadores que servia como elo entre eles e podia reunir as forças operárias revolucionárias.

Neste sentido, os sovietes teriam surgido da necessidade prática, como um tipo de auto-organização social permanente. E, independentemente das polêmicas históricas acerca das suas origens, representaram uma fase avançada de um processo revolucionário enraizado na sociedade, na medida em que contavam com o apoio dos trabalhadores e não tinham qualquer reverência a partidos. Isso notou bem Rosa Luxemburgo já em 1905, e admitiu também em seguida Trotsky. Lenin, por seu turno, se opõe neste momento aos sovietes, considerando que estes só poderiam ser revolucionários se emanassem de partidos que deveriam dirigir a insurreição popular. Ele considera, assim, em “Duas táticas da socialdemocracia na revolução democrática” de 1905, que “os sovietes são uma mera fase revolucionária cujos termos sedutores pertencem a um passado remoto” (*apud* Tragtenberg, 1988: p.20), desprezando completamente a autogestão econômica, social e política exercida por estes.

Reprimidos após o fracasso da revolução de 1905, os sovietes reaparecem em 1917, novamente como produtos de uma série de greves e, neste momento, Lenin os considera os principais órgãos da revolução. Principalmente em Petrogrado, o primeiro soviete, agora presidido por Trotsky, torna-se o reflexo dos acontecimentos que conduzem à Revolução de Fevereiro, a fuga do czar e a tomada de poder pelos bolcheviques, que, neste momento, pregam abertamente “Todos Poder aos Sovietes” (Teses de Abril), conclamando as iniciativas populares e a autogestão em ação.

Um olhar mais acurado aos relatos do próprio Trotsky sobre as jornadas de julho nos permite compreender a atuação do partido bolchevique muito

mais como uma resposta à revolução, que já se encontrava em curso e não poderia ser detida, do que como um partido centralizado que conduzia os acontecimentos revolucionários e, particularmente, a Revolução de Outubro. De fato, durante as grandes manifestações da jornada, os bolcheviques tentaram impedir, conter a revolução e dispersar as manifestações populares.

Na periferia da Revolução crescia a influência dos anarquistas, que desempenhavam o papel principal no seio de um comitê revolucionário arbitrariamente criado na Vila Durnovo. (...) Qualquer alusão a adiamentos enfurecia os soldados. Foi nesta reunião que surgiu o anarquista Bleichman, personagem apagado, porém que se destacava no quadro de 1917. Conseguia despertar nos comícios número apreciável de simpatias. (...) Em fins de junho, Bleichman nadava por toda sorte de encontro improvisado, tal como peixe dentro d'água. Expressava sempre a mesma decisão a ser tomada: sair de armas nas mãos. E a organização? É a rua que nos organizará. O fim em vista? Derrubar o governo provisório como já se derrubou o tzar” (Trotsky, 1977:424-430).

As circunstâncias e os estados de opinião modificavam-se tão rápida e tão bruscamente que mesmo a mais flexível das organizações, a dos soviets, inevitavelmente se atrasava, obrigando a massa a improvisar, a cada passo, órgãos auxiliares destinados a resolver as necessidades do momento. Os anarquistas sempre jogavam lenha na fogueira, no que eram imitados por alguns nocivos do bolchevismo (...). Petrogrado adquiria consciência da sua própria força, tomava impulso, e o próprio partido Bolchevique já não era mais capaz de moderar a capital (Idem: 431).

Os relatos de Trotsky nos mostram a total falta de controle do comitê central do partido em relação às ações populares, levando-nos a concluir que os bolcheviques ‘fizeram a revolução antes que o povo a fizesse’, ou melhor, encamparam a revolução apenas porque ela era totalmente inevitável e já que ela iria ocorrer, melhor que fosse então com eles à frente. Daí gritaram ‘todo poder aos soviets’, quando estes demonstraram na prática seu poder, mas apenas e tão somente para, no momento seguinte, canalizarem este poder para o partido.

‘Para frente, para frente’, gritavam os trabalhadores. O secretário do comitê de usina, um bolchevique, propunha que se consultasse a opinião do partido. Romperam-se protestos generalizados, ‘desejais arrastar indefinidamente a questão’. (...) Um certo Efimov correu ao comitê de bairro do partido: ‘o que vamos fazer?’ Responderam-lhe: ‘não nos manifestaremos, mas não podemos abandonar os operários à própria sorte, é por isso que marchamos com eles, nossa função é ‘manter a ordem’ (...)’ (Ibidem: 433).

Os comitês executivos do partido aprovaram um manifesto que declarava que quaisquer manifestações significaria traição à revolução. (...) Não apelamos para as manifestações, mas as massas populares desceram à rua espontaneamente...e uma vez que as massas já desceram, nosso lugar passa a ser no meio delas, nossa tarefa agora é organizar o movimento (Ibidem: 434).

Os anarquistas, todos sabem, são os grandes cornos da História, sempre fundamentais no processo revolucionário, sempre eliminados após para o estabelecimento de um novo poder e de uma nova ordem de coisas. Já em 1918, Lenin perseguia, matava e mandava prender inúmeros anarquistas insurrecionais, acusados de conspirarem contra a revolução. Particularmente na noite de 14 de abril de 1918, Lenin ordenou tomar de assaltos vários locais anarquistas, que foram bombardeados com conflitos sangrentos que se estenderam por toda a madrugada, fazendo inúmeros mortos.

O destino da revolução socialista desenvolvida na Ucrânia não contraria esta tese. Tal revolução se fundava nos princípios da auto-organização camponesa, da autogestão social e na formação de milícias para enfrentar os generais czaristas. Tal processo revolucionário tinha como expoente o camponês Nestor Makhno, que em março de 1917 reuniu os socialistas libertários e fundou a União dos Camponeses de Guliai-Pole, que não admitia nenhum político, pois, segundo Makhno, *estes sempre procuraram impedir o poder popular e a revolução*. Makhno organizou e liderou o exército anarquista negro, conhecido como makhnovitina.

Em 1919, após concluir vitoriosa campanha contra o Exército Branco, o Exército Negro de Makhno foi atacado por agentes da Tcheka e colocado

na ilegalidade por Trotsky, então comandante das forças bolcheviques. Tragtenberg ressalta inclusive que os bolcheviques esperavam que os Brancos vencessem os anarquistas ucranianos para intervirem depois, destruindo a makhnovitchina, entretanto, o que ocorria era o oposto.

Após oito meses de batalhas entre o exército branco e o exército vermelho, em 1920, o exército vermelho novamente pede apoio ao exército negro no combate a ofensiva contra-revolucionária, a promessa era anistiar todos os anarquistas presos e garantir a liberdade de propaganda anarquista, desde que não pregasse a derrubada violenta do governo. Os termos do acordo para cooperação provisória deixam claro o medo de que Makhno conseguisse cooptar os membros do exército vermelho para a makhnovitchina:

O exército revolucionário dos franco-atiradores makhnovistas, que se encontra em território soviético ao longo do front ou transversalmente a ele, não pode integrar em suas fileiras nem partes do exército vermelho nem desertores deste último (Rocker, 2007: 61).

No entanto, após a vitória na Guerra Civil contra o exército de Wrangel, os comunistas rompem o acordo com Makhno, o exército negro é covardemente atacado e Makhno é exilado. Ao final de 1920, os anarquistas que lutavam com Makhno foram perseguidos, caçados, presos e, em maioria, sumariamente fuzilados. Isso marcou o declínio do anarquismo russo. Trotsky chega a declarar, na época, que teria sido melhor que a Ucrânia fosse ocupada pelos Brancos do que entregue aos makhnovistas, pois se Denikin ocupasse o país, os camponeses acabariam por apelar aos bolcheviques. Três meses depois Kropotkin morre de pneumonia e no seu enterro foi a última vez que as bandeiras negras e vermelhas foram vistas na Rússia.

1921 foi justamente o ano de adoção da Nova Política Econômica (NEP), que acabou de vez com os conselhos operários e soldados por uma política de Estado. Ano também no qual o levante dos marinheiros

de Kronstadt, que exigia, entre outras coisas, liberdade de eleições para esta comuna, foi esmagado. A insurreição iniciada em 3 de março de 1921, terminou em 16 de março do mesmo ano. É importante ressaltar que a revolta foi esmagada sob a justificativa de que era não apenas contra-revolucionária, mas fascista, ideia que na época foi largamente divulgada pela imprensa comunista internacional, embora o jornal bolchevique *Novy Put* tenha publicado em março de 1921:

Os marinheiros de Kronstadt são, em sua maioria, anarquistas. Eles não se situam à direita, mas à esquerda dos comunistas. Em seus últimos radiogramas eles proclamam: 'Viva o poder dos soviets' e não pronunciaram nem uma vez sequer 'Viva a assembleia nacional'. Por que eles sublevaram-se contra o governo soviético? Porque eles não o acham soviético o bastante. Eles inscreveram em suas bandeiras as mesmas palavras de ordem semi-anarquista e semi-comunista, que os próprios bolcheviques haviam proclamado há três anos e meio, no dia seguinte à revolução de Outubro. Em sua luta contra o governo soviético, os insurretos de Kronstadt manifestaram em diferentes ocasiões seu profundo ódio contra o burguês e tudo que é burguês. Eles declaram que o governo soviético aburguesou-se (*apud* Rocker, 2007: 74).

Entre as reivindicações do movimento, retiradas na assembleia geral das tripulações, estavam a livre eleição nos soviets, a liberdade de organização, reunião e expressão para os anarquistas e socialistas revolucionários, e a liberdade para presos políticos, além do fim do privilégio político para membros do partido comunista.

Kronstadt, considerando que os soviets atuais não exprimem mais a vontade dos operários e camponeses, reivindicava: imediata eleição com voto secreto, com liberdade de desenvolver campanha eleitoral, liberdade de imprensa e palavra para operários e camponeses, anarquistas e socialistas de esquerda; liberdade de reunião para todos os sindicatos operários e organizações camponesas; liberdade para todos os socialistas prisioneiros políticos, assim como para marinheiros e soldados do Exército Vermelho, presos durante os movimentos populares; eleição de uma comissão encarregada de avaliar cada caso dos prisioneiros

e internados em campos de concentração; supressão de todos os departamentos políticos; nenhum partido deve ter o privilégio de propaganda política ou ideológica nem receber nenhuma subvenção governamental; no lugar dos departamentos políticos, formar comissões de educação e cultura financiadas pelo Estado; supressão imediata de todas as barreiras militares; supressão dos destacamentos comunistas de choque em todas as seções militares e da Guarda Comunista nas minas e usinas; se houver necessidade de destacamento, que sejam nomeados pelos soldados das seções militares; se houver necessidade de guardas, que sejam escolhidos pelos próprios trabalhadores, o camponês deve usufruir sua terra sem empregar salário assalariado (Tragtenberg, 1988: 12).

Kronstadt reivindicava era em máximo grau seu direito à autogestão. Isso não significa que a autodenominada “Terceira Revolução Russa” fundamentalmente anarquista — é importante destacar que além dos anarquistas reivindicavam naquele momento a importância dos soviets livres em oposição à ditadura do partido único, setores do socialismo revolucionário de esquerda e os membros da Oposição Operária.

Consideramos os ocorridos em Kronstadt extremamente simbólicos como marco de uma virada centralista, anti-anarquistas e complementemente contrária à construção do poder popular por parte do governo soviético. Lenin acusou Kronstadt de receber financiamento do capital financeiro internacional e a argumentação de Trotski foi no mesmo sentido. Pouco antes de morrer em seu exílio no México, Trotski ainda avaliou a repressão bolchevique a Kronstadt como “uma necessidade trágica.”

Kronstadt havia desempenhado um importante papel em 1905 e pretendia realizar, nos termos de seus próprios manifestos a terceira e derradeira revolução popular, com autêntico poder operário. Foram então massacrados como os homens e mulheres da comuna de Paris.

Esses homens combateram, contudo, por uma causa que também fora aquela de seus carrascos: as próprias palavras que os rebeldes de Kronstadt inscreveram em suas bandeiras haviam servido de slogans aos bolcheviques, preparando a revolução de Outubro

de 1917 e derrubando o governo de Kerenski. Quem poderia imaginar que a ditadura do proletariado, alguns anos mais tarde, opor-se-ia aos porta-vozes das mesmas ideias que os futuros ditadores usaram como bandeira em sua luta pela conquista do poder político? Embora esta sangrenta sátira da história ainda hoje seja pouco compreendida, chegará o tempo em que se compreenderá seu sentido profundo (Rocker, 2007: 75).

Fato é que após a tomada de poder pelo partido, Lenin muda totalmente de ideia quanto ao poder dos soviets e a defesa da autogestão popular, fazendo com que o campesinato e o operariado russo percam totalmente o controle dos modos de produção, então colocados nas mãos de delegados do Partido. Todo poder deveria ser direcionado ao Partido único, tomado então como o órgão legítimo da revolução. Isso deixou clara a existência de uma tensão entre movimento social de base auto-organizado e partido político bolchevique, cada vez mais distanciado das camadas proletárias e se tornando, juntamente com os sindicatos, um órgão do Estado. Este é um modo extremamente rico para abordarmos o processo da Revolução Russa, um processo de dualidade crescente entre soviets e Estado.

Tragtenberg defende, por exemplo, que em 1905, Lenin se vincula a uma tradição jacobina acudindo uma ditadura democrática de operários e camponeses que seria apoiada pela Assembleia Constituinte, como na Convenção da Revolução Francesa. Como Trotsky defendia a tese da revolução permanente, na qual os soviets seriam órgãos da ditadura revolucionária, Lenin utiliza em 1917 os soviets contra o Estado dos liberais, mas após a tomada de poder, persegue os soviets, isola e os suplanta pelo partido centralizado, mantendo *a ditadura sobre o proletariado*.

Nesse sentido e complementarmente, é interessante retomarmos também a tese avançada contemporaneamente por Wayne Price (em seu famoso ‘Organização Anarquista, não Vanguarda Leninista’). Price desenvolve suas análises atentando para o que denomina ‘o mito da revolução

Bolchevique’, isto é, a muito difundida ideia pela qual a revolução socialista, só seria possível com um partido centralizado que conduzisse a revolução. Price considera, ao contrário, que o partido não manteve a Revolução, mas, ao contrário, sustentou o modelo básico da relação capital/trabalho e foi assim a real razão de seu declínio:

Por exemplo, o panfleto I.B.T. argumenta que os bolcheviques tinham razão para manter uma ditadura de partido único, nos primeiros dias da União Soviética (quando Lenin e Trotsky estavam no poder). Isso é correto, dizem eles, apesar da maioria dos trabalhadores (para não mencionar os agricultores) não os apoiava. Se eles permitiram eleições livres nos soviets, operários e camponeses os rejeitariam, votando nos revolucionários socialistas de esquerda (populistas), nos mencheviques, ou anarquistas. Estes argumentam eles capitulariam ao capitalismo e permitiram o surgimento de um profascismo. Verdade ou não, os trotskistas justificam que se governe uma ditadura de um partido minoritário, porque o partido sabe o que é melhor para o povo. No entanto, esta abordagem não levou ao socialismo, mas o stalinismo, a contrarrevolução através do partido. De acordo com o panfleto da I.B.T., por volta de 1924 o partido bolchevique já não era revolucionário, logo após a revolução de 1917. Concluo, portanto, que teria sido melhor ficar com a democracia revolucionária bolchevique dos soviets originais, mesmo que isso significasse perder o poder. Nada poderia ter sido pior do que o que aconteceu (Price, 2014: 19).

Neste aspecto, Price retoma as análises de Murray Bookchin e Hal Draper segundo as quais o Partido Bolchevique anteriormente à Revolução de Outubro não era uma máquina centralizada e burocratizada, mas uma organização múltipla e ilegal com várias facções e que apenas esta multiplicidade permitiu a realização da Revolução. Foi preciso transformar a revolução social democrata de fevereiro em uma revolução comunista e, para tanto, os ditos anarquistas, de todo poder aos soviets foram extremamente necessários:

As organizações associadas na Rússia eram grupos de partidários locais e regionais, que poderiam ter simpatias bolcheviques em parte

e em parte mencheviques, ou poderiam mudar o seu apoio de um grupo para outro ao longo do tempo, etc. Sempre que tinha lugar um “congresso do partido” ou conferência, cada grupo partidário tinha de decidir se ia assistir um ou outro, ou ambos... Os membros individuais de um partido na Rússia, ou os grupos partidários, poderiam decidir distribuir o jornal de Lenin ou dos mencheviques, ou nenhum dos dois, muitas preferiam grupos “não-rebeldes” como o que Trotsky criou em Viena; ou podiam as publicações bolcheviques que mais gostavam, além de outras mencheviques ou outros grupos, sem qualquer restrição (Draper, *apud* Price, 2014:17).

Em 1917, o comitê central do partido não pretendia controlar as organizações regionais e locais, como passa a fazer posteriormente. De fato, mesmo em locais centrais como Petrogrado e Moscou as organizações de base mantinham sua autonomia, tiravam suas linhas de atuação e tinha sua imprensa própria. As primeiras etapas da Revolução se desenvolvem na base de conselhos e os bolcheviques tomaram o poder através desse modo de organização social. Neste momento, o partido foi aberto para milhares de novos membros — o que ganhou em quantidade, obviamente perdeu em centralização — e são estas novas bases que derrubam os mencheviques e a política conservadora dos antigos bolcheviques, permitindo assim a própria revolução. Convém ressaltar ainda que os bolcheviques não derrubaram o governo provisório sozinho, mas através de uma frente que incluía anarquistas e outros setores da esquerda. A ditadura monolítica e centralizada do partido só se instaura a partir de 1921. Desde então, os soviets são despojados de todo o poder. Quando autores como Price, Draper e Bookchin reforçam este ponto, eles pretendem salientar que o que permitiu a revolução não foi a centralização, mas a organização local descentralizada e de baixo para cima. Somente após o processo revolucionário, o Partido passa a ganhar contornos monolíticos. Após a revolta de Kronstadt, entre 1921 e 1924, o que houve foi um acirramento do burocratismo e da repressão. Terminando a guerra civil contra os Brancos, o poder dos soviets e democracia operária são

silenciados de uma vez por todas. Esta centralização e supressão das facções de base vêm acompanhadas, como não poderia deixar de ser, de um total distanciamento do clamor popular. Entretanto, o partido que fez a revolução russa, que a tornou possível, era muito mais uma federação do que um partido centralizado. Os ideais e o modo de organização anarquista foram fundamentais neste momento. Assim, a participação anarquista na revolução foi direta e indireta.

Os socialistas revolucionários de esquerda eram os herdeiros do populismo camponês russo, com um programa socialista libertário. Ao contrário dos bolcheviques, tinha apoio entre os camponeses. Sua fraqueza era seus entrelaçamentos com a ala direita do partido, que só começou a se espalhar em 1917. Os anarquistas estavam ativos nas grandes cidades e em muitas indústrias. Os anarcossindicalistas foram importantes na construção de conselhos de fábrica (Price, 2014: 10).

A tese leninista acerca da centralidade do partido perpassaria o trotskismo por meio do diagnóstico segundo o qual o grande empecilho para as revoluções seria a falta de uma direção central adequada para o proletariado, uma nova direção comprometida com a revolução. Tal diagnóstico chegou até os nossos dias e muitos já pretenderam e ainda pretendem ocupar o papel da verdadeira direção adequada da revolução popular. A ideia básica é substituir líderes ruins por bons líderes; partidos entreguistas por partidos revolucionários realmente comprometidos com o povo. Mas e se a causa revolucionária não tiver qualquer relação com o ocupar o poder? E se o problema da revolução não tiver sido falta de centro, mas ao contrário a escolha política de supressão das bases organizadas?

Tanto Rocker como Tragtenberg defendem a incompatibilidade contraditória entre conselhos populares autogeridos e o estabelecimento de uma ditadura. Não apenas porque os conselhos se fundariam na vontade da base, de baixo para cima e a ditadura se estabeleceria de cima para baixo, mas também porque a própria noção de ditadura não

procede da prática de organização dos trabalhadores, mas da burguesia, que historicamente, desde a revolução francesa, influencia os movimentos e partidos que se denominam de esquerda.

Ela está vinculada a uma ideologia da ignorância das massas, da suposta incapacidade do povo para formular seu próprio projeto político-social e, neste sentido, em máximo grau, em uma concepção moderna de conhecimento, que pressupõe um abismo rígido entre teoria e prática ou entre intelectuais e homens de ação. Tal abismo, assim tão tacitamente assumido, abre a porta para as hierarquias e introduz o modo de vida liberal ainda que sob o nome de Estado Proletário. Mas, afinal, o que poderia haver de tão proletário em um Estado? Ou, talvez como sintetizou Deleuze, o que poderia haver de tão esquerda em um governo?

Espera-se que transformação radical da sociedade por meio da gestão operária da produção acarrete também a impossibilidade de uma determinada classe social conservar posições privilegiadas, com poder decisório, por meio de uma suposta competência técnica ou intelectual que sempre foram dominadas por uma elite burguesa. Isso significa dizer que romper com o domínio da classe burguesa implica também romper a separação entre teoria e prática que é própria da epistemologia liberal. Pode-se mesmo dizer que a gestão operária da produção não se completa se a sociedade se organiza por meio do Estado e não da autogestão.

Isso explica por que setores da burguesia suspiraram aliviados quando verificaram que o governo soviético pretendia nacionalizar (estatizar) os meios de produção, deixando intacta a hierarquia dentro da fábrica, a separação entre dirigentes e dirigidos. Milhares de indivíduos ligados à classe expropriada voltaram a desempenhar papel de mando como diretores de fábrica do “Estado operário”. Incorporaram-se ao partido para legitimar sua volta a posições dominantes nas relações de produção (Tragtenberg, 1988:7).

A ideia defendida por Tragtenberg é justamente essa, os bolcheviques ao conservarem o *taylorismo* na gestão da sua produção, juntamente

com o burocratismo hierárquico da máquina estatal, ganharam de brinde aspectos fundantes da ideologia liberal, notadamente o individualismo meritocrático e o racionalismo científico. Isso significa herdar uma estrutura de dominação na produção e manutenção de conhecimento que é própria às sociedades liberais. A própria ideia de uma *administração científica* seria incompatível com uma sociedade proletária, pois o cientificismo moderno foi desenvolvido pela classe dominante em seu benefício e de modo apropriado à manutenção e reprodução da sua dominação. A classificação entre o que é científico e o que não é corresponde, grosso modo, ao que é suscetível de sistematização na cultura dominante, e ao que pertence à cultura popular e excluída. Como romper com tal dominação mantendo intacta sua estrutura de dominação saber-poder?

Quando os técnicos de organização do trabalho dividem-no, a ponto de extenuar o trabalhador, dir-se-á que tal divisão é científica. Quando os trabalhadores se auto-organizam para produzir, isso é considerado anti-científico. Assim, recebem etiquetas de científicos os trabalhos que podem ser integrados ao sistema capitalista, especialmente se se enquadrarem na divisão hierárquica de trabalho que caracteriza o capitalismo. Isso explica a taylorização do mundo do trabalho, tanto no capitalismo ocidental, como na URSS e no leste europeu. Por outro lado, a hierarquia na produção e na sociedade só pode ser reproduzida se o conhecimento continuar sendo monopólio de ‘especialistas’ (Idem: 9).

Vemos assim a separação entre intelectuais e não intelectuais, entre teoria e prática, entre gestores e não-gestores como fundante da estruturação hierárquica capitalista, que se estende do papel do Estado às relações de poder dispersas no tecido social. Talvez por isso Foucault tenha afirmado criticando a tomada de poder do Estado:

Temos, com a sociedade soviética o exemplo de um aparelho de Estado que mudou de mãos e que deixa as hierarquias sociais, a vida em família, a sexualidade, o corpo quase como se estivessem em uma sociedade capitalista. Os mecanismos de poder que atuam no local de trabalho, entre o engenheiro, o contramestre e

o operário, vocês acreditam que eles são tão diferentes na União Soviética quanto aqui? (Foucault, 2001: 36).

Nada se alterou nas relações saberes-poderes, nada se alterou na produção de conhecimento e na hierarquia que se depreende da separação rígida entre teoria e prática, entre os que pensam e os que agem nas relações de produção e nas relações sociais como um todo. Rocker salienta, neste sentido, já em 1921, que um governo instaurado a partir de um partido na forma de poder estatal não poderia deixar de ceder à direita:

Um partido que deve comprar seus propagandistas e seus homens de confiança, pagando-lhes regularmente elevadas somas, longe de assim fazer verdadeiros amigos, favorece a extensão em torno de si de uma zona pantanosa de corrupção, que atrai irresistivelmente todos os aventureiros políticos e que lhe será, a mais ou menos breve termo, fatal. (...) É verdade, ele [o Estado] poderia voluntariamente partir cedendo o lugar aos elementos de esquerda, mas é justamente isso que um governo não faz. Com efeito, é uma característica essencial de todo poder constituído que aqueles que o detêm busquem por todos os meios conservar o monopólio de sua dominação (Rocker, 2007: 36-37).

A guinada à direita foi uma *razão de Estado*, a alternativa estatal aos soviets, o que historicamente já havia ocorrido na Revolução Francesa, o Estado sucedendo à Revolução. Mas, sem o movimento autônomo das massas organizadas, como não retornar ao capitalismo? Os soviets teriam podido desempenhar na Rússia o papel das seções durante a Revolução Francesa; mas, uma vez que foram despojados de sua autonomia pelo poder central, que só deixou subsistir deles o nome, eles perderam infalivelmente toda influência fecunda no processo de organização social.

Talvez caiba então a nós agora, cem anos depois retomar o que há de atual nos conselhos populares autogeridos, talvez seja isso o que nos disseram de maneira tão direta os jovens que ocuparam as escolas secundaristas no ano passado, a lição retomada de todas as revoluções massacradas e silenciadas, os ecos da nossa greve geral de 1917 no eixo Rio e São Paulo, o poder para o povo que cantavam as ruas em 2013.

## Referências bibliográficas:

- BAKUNIN, Mikhail. (1872) (2010). Carta ao Jornal 'La Liberté' In: *Escritos Contra Marx*. Tradução: Plínio Augusto Coelho. Imaginário.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-saber. Coleção Ditos e Escritos IV*. São Paulo: Forense Universitária, 2001.
- PRICE, Wayne. *Organização Anarquista, não Vanguarda Leninista*. Tradução: Alexandre Samis. GEAPI, 2014.
- ROCKER, Rudolph (2007). *Os Sovietes Traídos*. Tradução: Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra.
- TRAGTENBERG, Mauricio (1988). O Processo da Revolução Russa In *A Revolução Russa*. São Paulo: Unesp.
- TROTSKY, Leon (1977). *A História da Revolução Russa*. Tradução: E. Huggins. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.
- VOLIN, Vasevolod (1954). A Revolução Desconhecida e o Nascimento dos Sovietes. In: *A Revolução Desconhecida*. Editora Global.